



A Santa Sé

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a paz esteja convosco!

Beatitudes, Eminência, Excelências

Caríssimos sacerdotes, consagradas e consagrados

Irmãos e irmãs!

Cristo ressuscitou. Verdadeiramente ressuscitou! Saúdo-vos com as palavras que, neste tempo pascal, o Oriente cristão não se cansa de repetir em muitas regiões, professando o âmago da fé e da esperança. E é bom ver-vos aqui precisamente por ocasião do Jubileu da esperança, da qual a ressurreição de Jesus é o fundamento indestrutível. Bem-vindos a Roma! Estou feliz por me encontrar convosco e por dedicar um dos primeiros encontros do meu pontificado aos fiéis orientais.

Sois preciosos! Olhando para vós, penso na variedade das vossas proveniências, na história gloriosa e nos amargos sofrimentos que muitas das vossas comunidades padeceram ou padecem. E gostaria de reiterar o que o Papa Francisco disse sobre as Igrejas Orientais: «São Igrejas que devem ser amadas, conservam tradições espirituais e sapienciais únicas e têm muito a dizer-nos sobre a vida cristã, a sinodalidade, a liturgia; pensemos nos antigos Padres, nos Concílios, no monaquismo, tesouros inestimáveis para a Igreja» ([*Discurso aos participantes na Assembleia da ROACO*](#), 27 de junho de 2024).

Desejo citar também o [*Papa Leão XIII*](#), que pela primeira vez dedicou um documento específico à dignidade das vossas Igrejas, considerando sobretudo que «a obra da redenção humana teve início no Oriente» (cf. Carta apostólica *Orientalium dignitas*, 30 de novembro de 1894). Sim, desempenhais «um papel singular e privilegiado como contexto original da Igreja nascente» (São João Paulo II, Carta apostólica [*Oriente lumen*](#), 5). É significativo que algumas das vossas Liturgias - que nestes dias celebrais solenemente em Roma, segundo várias tradições - ainda usem a língua do Senhor Jesus. Mas o [*Papa Leão XIII*](#) dirigiu um forte apelo para que a «legítima variedade de liturgia e disciplina orientais [...] redunde a favor [...] do grande decoro e utilidade da Igreja» (Carta apostólica *Orientalium dignitas*). A sua preocupação de então é muito atual, pois nos nossos dias tantos irmãos e irmãs orientais, entre os quais muitos de vós, obrigados a fugir dos seus territórios de origem por causa da guerra e das perseguições, da instabilidade e da

pobreza, correm o risco, chegando ao Ocidente, de perder não só a pátria, mas também a identidade religiosa. E assim, com o passar das gerações, perde-se o legado inestimável das Igrejas Orientais.

Há mais de um século, Leão XIII observou que «a conservação dos ritos orientais é mais importante do que geralmente se crê» e, com esta finalidade, chegou a prescrever que «qualquer missionário latino, quer do clero secular ou regular que, com conselhos ou ajudas, atraia algum oriental para o rito latino» fosse «demitido e excluído do seu ofício» (*ibid.*). Acolhamos o apelo a salvar e promover o Oriente cristão, especialmente na diáspora; aqui, além de erigir, onde possível e oportuno, Circunscrições orientais, é necessário sensibilizar os latinos. Neste sentido, peço ao Dicastério para as Igrejas Orientais, a quem agradeço pelo seu trabalho, que me ajude a definir princípios, normas e diretrizes através das quais os Pastores latinos possam apoiar concretamente os católicos orientais na diáspora a preservar as suas tradições vivas e a enriquecer com a sua especificidade o contexto em que vivem.

A Igreja precisa de vós! Como é grande a contribuição que o Oriente cristão nos pode oferecer hoje! Quanta necessidade temos de recuperar o sentido do mistério, tão vivo nas vossas liturgias, que abrangem a pessoa humana na sua totalidade, cantam a beleza da salvação e suscitam o enlevo pela grandeza divina que abraça a pequenez humana! E como é importante redescobrir, também no Ocidente cristão, o sentido do primado de Deus, o valor da mistagogia, da intercessão incessante, da penitência, do jejum, do pranto pelos pecados, próprios e de toda a humanidade (*penthos*), tão típicos das espiritualidades orientais! Por isso, é fundamental valorizar as vossas tradições sem as diluir, talvez por praticidade e comodidade, para que não sejam corrompidas por um espírito consumista e utilitarista.

As vossas espiritualidades, antigas e sempre novas, são medicinais. Nelas, o sentido dramático da miséria humana funde-se com a admiração pela misericórdia divina, de tal modo que as nossas baixezas não provoquem desespero, mas convidem a acolher a graça de ser criaturas curadas, divinizadas e elevadas às alturas celestiais. É preciso louvar e dar graças incessantes ao Senhor por isto! Podemos recitar convosco as palavras de Santo Efrém, o Sírio, dizendo a Jesus: «Glória a Vós que fizestes da vossa cruz uma ponte sobre a morte. [...] Glória a Vós que vos revestistes do corpo do homem mortal, transformando-o em manancial de vida para todos os mortais» (*Discurso sobre o Senhor*, 9). É um dom a pedir, o de saber ver a certeza da Páscoa em todas as tribulações da vida sem desanimar, recordando, como escrevia outro grande Padre oriental, que «o maior pecado é não acreditar nas energias da Ressurreição» (Santo Isaac de Nínive, *Sermones ascetici*, I, 5).

Portanto, quem mais do que vós pode entoar palavras de esperança no abismo da violência? Quem melhor do que vós, que conheceis de perto os horrores da guerra, a ponto que o Papa Francisco definiu as vossas Igrejas «martiriais» (*Discurso à ROACO*, cit.)? É verdade: da Terra Santa à Ucrânia, do Líbano à Síria, do Médio Oriente ao Tigray e ao Cáucaso, quanta violência! E

diante de todo este horror, sobre os massacres de tantas vidas jovens, que deveriam provocar indignação, porque em nome da conquista militar são as pessoas que morrem, sobressai um apelo: não tanto do Papa, mas de Cristo, que repete: «A paz esteja convosco!» (*Jo 20, 19.21.26*). E especifica: «Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou. Não vo-la dou como o mundo a dá» (*Jo 14, 27*). A paz de Cristo não é o silêncio sepulcral depois de um conflito, não é o resultado de um esmagamento, mas é um dom que olha para as pessoas e reativa a sua vida. Rezemos por esta paz, que é reconciliação, perdão, coragem para virar a página e começar.

Farei todos os esforços para que esta paz se propague. A Santa Sé está disponível para que os inimigos se encontrem e se fitem nos olhos, para que aos povos se devolvam a esperança e a dignidade que merecem, a dignidade da paz. Os povos querem a paz e eu, com o coração nas mãos, digo aos responsáveis dos povos: encontremo-nos, dialoguemos, negociemos! A guerra nunca é inevitável, as armas podem e devem ser silenciadas, pois não resolvem os problemas mas só os aumentam; pois ficará na história quem semeia a paz, não quem ceifa vítimas; pois os outros não são sobretudo inimigos, mas seres humanos: não vilões a odiar, mas pessoas com quem falar. Rejeitemos as visões maniqueístas típicas das narrações violentas, que dividem o mundo entre bons e maus.

A Igreja não se cansará de repetir: silenciem as armas! E gostaria de dar graças a Deus por aqueles que, no silêncio, na oração, na oferta, tecem fios de paz; e aos cristãos - orientais e latinos - que, sobretudo no Médio Oriente, perseveraram e resistem nas suas terras, mais fortes do que a tentação de as abandonar. Aos cristãos deve ser dada a oportunidade, não apenas palavras, de permanecer nas suas terras com todos os direitos necessários para uma existência segura. Por favor, que se lute por isto!

E obrigado, obrigado a vós, queridos irmãos e irmãs do Oriente, de onde ressuscitou Jesus, Sol de justiça, por serdes “luzes do mundo” (cf. *Mt 5, 14*). Continuai a brilhar pela fé, esperança e caridade, por nada mais! Que as vossas Igrejas sirvam de exemplo e os Pastores promovam com retidão a comunhão, especialmente nos Sínodos dos Bispos, para que sejam lugares de colegialidade e de autêntica corresponsabilidade. Que haja transparência na gestão dos bens, que se dê testemunho de humilde e total dedicação ao povo santo de Deus, sem apego às honras, aos poderes do mundo e à própria imagem. São Simeão, o Novo Teólogo, indicava um bom exemplo: «Assim como alguém, lançando pó sobre a chama de uma fôrnalha ardente, a apaga, do mesmo modo as preocupações desta vida e toda a espécie de apego a coisas mesquinhas e sem valor destroem o calor do coração aceso nos primórdios» (*Capítulos práticos e teológicos*, 63). O esplendor do Oriente cristão exige, hoje mais do que nunca, a libertação de toda a dependência mundana e de quaisquer tendências contrárias à comunhão, para ser fiel na obediência e no testemunho evangélicos.

Agradeço-vos por isto e abençoo-vos de coração, pedindo-vos que rezeis pela Igreja e eleveis as vossas poderosas orações de intercessão pelo meu ministério. Obrigado!

Copyright © *L'Osservatore Romano*

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana